

CONDICIONANTES GEOMORFOLÓGICAS E A DINÂMICA SOCIOESPACIAL EM ANÁPOLIS, GOIÁS.

Priscilla Fabiane de Brito¹ (PG)* priscillabrito_prisbrito@hotmail.com,
Dra. Adriana Aparecida Silva² (PQ)

Universidade Estadual de Goiás – Campus de Ciências Sócio Econômicas e Humanas.

Resumo: Carlos (1992, 2007) destaca a cidade como realização humana, sendo a mesma compreendida enquanto produto histórico e social. Para ela a cidade é constituída ao longo do tempo, possui dinâmica própria, assumindo desse modo formas e funções condizentes ao contexto vivido. O contínuo crescimento das cidades brasileiras, somado à evolução tecnológica originou transformações no espaço geográfico em um período de tempo cada vez mais reduzido. Tais fatores intensificaram o uso do solo, originando aglomerações cada vez mais problemáticas que carregam em seu histórico uma série de complicações ligadas a esse rápido processo de urbanização. Nessa perspectiva aspectos como infraestrutura e urbanização se chocam, refletindo no espaço uma lógica de impactos sociais e ambientais. A urbanização da cidade de Anápolis, não foge à regra e possui uma trajetória marcada por espasmos de crescimento demográfico oriundos dos contínuos fluxos migratórios estimulados por fatores diversos, corroborando para a ocorrência de fenômenos dessa natureza. A presente pesquisa se encarrega de analisar como ocorreu o processo de urbanização da cidade de Anápolis, partindo de uma escala global, buscando observar a possível relação entre a dinâmica desse processo e os impactos socioambientais.

Palavras-chave: Urbanização. Impactos socioambientais. Cidades. Expansão urbana. Anápolis.

Introdução

O espaço geográfico é o meio construído pelas mãos dos homens, logo, é nesse espaço onde estão localizadas as construções originadas pela ação das técnicas, que para Santos e Silveira (2001), vão além daquilo que conhecemos por tecnologia, pois envolvem as questões relacionadas ao intelecto humano.

Tudo o que integra o espaço geográfico, é de certa forma fruto das intencionalidades humanas, podendo ser elas políticas, culturais, econômicas, dentre outras, inserindo-se nesse contexto as cidades.

Analisar o processo histórico de formação das cidades torna-se necessário, na medida em podem desvelar atores e fatores responsáveis por sua formação, dando significado às complexas relações envolvidas, para que assim sejam compreendidas como um todo, pois a história do espaço geográfico acompanha a história do homem, ou pelo menos parte dela. Segundo Vasconcelos (2015, p. 02) a

¹ Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás e mestranda em Ciência Sociais e Humanidades pelo Programa de Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado – Câmpus de Ciências Socio-Econômicas e Humanas - Universidade Estadual de Goiás. Bolsista FAPEG.

² Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Docente do programa de Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) e do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (Campus Cora Coralina), Orientadora da pesquisa.

elaboração de um dos primeiros conceitos de cidade deve-se a Marx e Engels (1846), onde a cidade seria “a realidade da concentração da população, dos instrumentos da produção, do capital, dos prazeres, das necessidades [...]” logo a cidade já era vista como uma produção social e de uso também social, associada à materialização do imaginário vindo do modo capitalista de produção, um espaço concreto produzido por ideologias.

Para Santos (1959), tecer uma conceituação definitiva sobre o que seria a cidade, é tarefa difícil, pois existem diferentes pontos de vista formados em diferentes etapas da história por teóricos diversos. O autor traz a cidade vista pelo viés dos geógrafos como sendo uma “forma particular de organização o espaço, uma paisagem [...], paisagem que por sua vez se encontra intimamente ligada ao conceito de cidade, pois é a representação concreta dessa organização, sendo capaz de resguardar em suas estruturas, histórias sobrepostas de tempos distintos, caracterizada pela interação entre elementos heterogêneos (naturais e artificiais). Desse modo, Santos (1998, p. 21) traz a paisagem como sendo:

“resultado de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos. [...] Tudo aquilo que vemos o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (SANTOS, 1998, p. 21)

Nessa perspectiva, a cidade surge como uma paisagem, como uma aglomeração de formas, que deve ser apreendida pela cognição humana na intenção de entender o que se encontra além daquilo observado, além do seu aspecto concreto para que assim encontre o seu significado. A cidade é história e também conta história, nela, as construções que formam a paisagem se encarregam de guardar informações, como se fosse uma grande caixa de arquivos repletas de documentos importantes.

Desse modo, ao observar a paisagem urbana podemos perceber a dinâmica ocorrida em seu espaço, pois nela é possível perceber a sobreposição dos diferentes momentos históricos vividos (CARLOS, 1992).

Carlos (1992, 2007) destaca a cidade como realização humana, sendo a mesma compreendida enquanto produto histórico e social. Para ela a cidade trata-se de uma “instituição” constituída ao longo do tempo, dinâmica, que sofrera

transformações, assumindo assim formas e funções condizentes ao contexto vivido. Conforme a autora, um dos aspectos que mais se destaca na paisagem da cidade são os diferentes modos pelos quais a vida se (re) produz, divididos entre as formas de morar, o tipo de uso dos terrenos, etc. elementos que por sua vez ressaltam o choque de realidades (favelas, bairros periféricos, apartamentos de alto padrão, mansões, condomínios de luxo, etc). A cidade sendo utilizada de maneira diferente, em um espaço construído de maneira desigual e contraditória.

Cavalcanti (2001) também destaca essa diferenciação do espaço urbano, conforme a autora ele é produzido sob a lógica capitalista e desenha um perfil baseado na necessidade de aglomeração que oculta as contradições sociais. Tal lógica define os lugares na cidade, e a organização das classes, decide a organização do espaço urbano (bairros periféricos, favelas, bairros operários, bairros de auto segregação, centros deteriorados, as rugosidades, novas centralidades, etc), e traça desse modo, um perfil: de um lado, os melhores espaços destinados a atender as demandas da população financeiramente favorecida, de outro, o que resta é destinado à parcela menos abastada.

Esse mesmo espaço urbano é conceituado por Correa (1989) como sinônimo de organização espacial da cidade, aparecendo como “um conjunto de diferentes usos da terra”, que por sua vez se distribuem por áreas utilizadas por funções diferentes, sendo fragmentado porém articulado, onde os fluxos (de pessoas, de capital, de automóveis) se encarregam dessa conexão.

Já Souza (2003) entende a cidade como “Assentamentos humanos extremamente diversificados [...] é igualmente um ‘centro de gestão do território’ [...]” Ainda conforme o autor, a cidade vai muito além de lugar destinado à produção, comercialização e consumo de bens, para ele trata-se de um local onde as pessoas se organizam e buscam a interação em função de valores e interesses em comum.

Cavalcanti (2001) traz a cidade como categoria de análise do espaço geográfico, sendo a cidade e o urbano um par dialético indissociável, pois são respectivamente forma e conteúdo, sendo para ela a cidade como o concreto e o urbano o abstrato. “A cidade é um espaço geográfico, é um conjunto de objetos e de ações, mas entendendo que ela expressa esse espaço como lugar de existência de pessoas, não apenas como arranjo de objetos, tecnicamente orientado.” (CAVALCANTI, 2001). Conforme a autora, a organização das cidades, das áreas urbanas vai muito além da simples localização e arranjos de lugares. Para ela, a

produção do espaço urbano é um processo contraditório que reflete o modo de vida das pessoas que são influenciadas por fatores ligados à economia, à política, à cultura, onde são deixados símbolos e marcas no meio ambiente, sendo essa sociedade influenciada também por tais fatores.

As primeiras cidades se formaram a partir do momento em que o homem deixou de ser nômade, ainda que vivenciassem “tempos lentos” - tempos em que as técnicas mais avançadas não eram utilizadas pelo homem para transformar o meio (SANTOS e SILVEIRA, 2001) – impuseram à natureza sua primeira forma de transformação, isto por volta de 3.500 a. C., ainda antes do feudalismo.

Os processos relacionados à urbanização acompanham a história das cidades, pois é na cidade onde as práticas urbanas se consolidam, e ao processo de crescimento da população das cidades, ao passo que há uma diminuição da população das áreas rurais, podemos nomear de urbanização. Spósito (2005) conceitua urbanização como o “processo de aumento da população que vive em cidades em relação à população total. Assim, este sentido pressupõe a diminuição relativa da população rural”.

Conforme expressa Davis (2006), a urbanização é um fenômeno que se desencadeou muito mais rápido do que o esperado, principalmente nos países considerados periféricos, onde na maioria das vezes a infraestrutura não acompanhou o processo evolutivo em questão.

Em 2015 a população total do mundo já atingia níveis maiores do que a somatória entre o número de pessoas que habitavam as zonas rurais e urbanas do mundo todo, nos idos de 1960. De acordo com as previsões, apesar do recuo do número de habitantes existentes no mundo, em 2050 haverá um aumento populacional que ocorrerá especialmente nas cidades de países em desenvolvimento. Davis denomina essa expansão exacerbada de “expansão urbana perversa”, contrariando as previsões de que os problemas urbanos seriam capazes de retardar o crescimento acelerado das áreas urbanas.

Existem vários fatores que se tornaram responsáveis por “empurrar” o homem do campo para as cidades, Davis (...) destaca entre eles a mecanização do campo, a importação de alimentos, as guerras, os fatores climáticos como a seca, a transformação das pequenas em grandes propriedades, o agronegócio, acima de tudo fatores que por sua vez ainda mantém a atração pelas cidades.

No Brasil este processo se constitui em fenômeno evidenciado durante a segunda metade do século XX, sendo portanto um processo relativamente novo.

A exemplo dos países da América Latina, o Brasil também passou por um processo ainda que tardio, de acelerado crescimento urbano, o que não foi diferente com as cidades do centro oeste.

Em Goiás, crescimento populacional e urbanização são fenômenos contemporâneos, e impulsionados por fatores análogos, relacionam-se ao crescimento vegetativo ou natural, às migrações por motivos diversos, etc. Funcionaram como atrativos para a composição desse meio urbano, dentre outros elementos, “a disponibilidade de terras para a criação de gado e agricultura [...] A colonização do governo federal [...] Colônia Agrícola Nacional de Goiás (Cang) [...]” (ARRAIS, 2004, p. 72). Ensejos que trouxeram para várias partes do estado, incluindo Anápolis, uma significativa quantidade de pessoas.

Mesmo que seja impossível precisar cronologicamente a origem da cidade de Anápolis, nos idos da segunda metade do século XIX, já existiam sinais de habitantes na região onde futuramente ela se instalaria. (FREITAS, 1995)

Seu povoamento deve-se inicialmente à movimentação de tropeiros que percorriam os caminhos que levavam às lavras de ouro existentes em algumas regiões do estado de Goiás. Cidades como Meia Ponte (Pirenópolis), Santa Cruz, Bonfim (Silvânia), Arraial de Sant’Ana (Cidade de Goiás), dentre outras, se constituem em cidades que participaram da atividade econômica responsáveis por impulsionar inicialmente a formação do estado.

Considerada como o terceiro centro urbano do estado de Goiás, a cidade de Anápolis encontra-se situada na parte central do país, local onde é denominado: “Mato Grosso de Goiás”. (FRANÇA, 1974). Posição considerada estratégica que atraiu um grande contingente populacional para seus domínios, gerando uma área quase totalmente urbanizada no século XXI.

É uma cidade que sempre experimentou um acelerado avanço demográfico. O crescimento populacional de Anápolis se deve essencialmente aos fluxos migratórios impulsionados por fatores diversos, e que ocorreram de tempos em tempos no município, ressaltando que inexistiram políticas específicas destinadas ao incentivo de ocupação local. (FREITAS, 1995)

Dentre os fatores que contribuíram para a urbanização da cidade, destacam-se a chegada da Ferrovia Centro-Atlântica, a construção de Brasília, a

vinda de uma unidade da Força Aérea Brasileira a “Base Aérea”, o Distrito Agro Industrial de Anápolis, o comércio atacadista, entre outros.

Diante dessa perspectiva, esta pesquisa tem analisado os processos que levaram à configuração da área urbana da cidade de Anápolis, analisando os atores e fatores responsáveis pela produção de tal processo, relacionando-os com planejamento e possíveis impactos sociais/ambientais decorrentes, observados nos domínios da cidade de Anápolis.

Material e Métodos

Os procedimentos metodológicos realizados na primeira fase desta pesquisa centraram-se em esmerada revisão bibliográfica, trabalhos em campo, coleta de dados e informações em instituições públicas e privadas, debates informais com moradores da cidade de Anápolis, que por sua vez resultaram na construção do primeiro capítulo da dissertação.

Os métodos destinados à coleta inicial de dados se efetivaram por meio da realização de trabalhos de campo, coleta de informações em instituições. Dados que tem sido parcialmente submetidos a tratamento em gabinete.

Detalhamento das etapas metodológicas:

- Revisão teórica

A revisão bibliográfica tem sido feita durante a construção da etapa inicial da pesquisa e continuará a ser feita durante todas as fases do estudo.

· Revisão técnica

Os dados coletados têm sido analisados em gabinete, buscando agrupá-los com a intenção de gerar mapas, gráficos e tabelas relacionados ao tema pesquisado.

As pesquisas documentais tem se destinado a obter dados referentes às questões econômicas, populacionais, habitacionais do município. Para tanto, tem sido necessário o contato com instituições públicas e privadas como IBGE, IMB, órgãos ligados à prefeitura municipal de Anápolis dentre outros, como o Museu Histórico de Anápolis e biblioteca da Universidade Estadual de Goiás-CCSEH;

Análise e elaboração de produtos cartográficos, destinado à obtenção de informações relacionadas à distribuição da população e os impactos socioambientais oriundos da ocupação do solo da cidade. Etapa que se concretizará com a construção do segundo capítulo.

- Pesquisas em Campo:

Têm sido e continuarão a ser feitas visitas em campo, a fim de se estabelecer um contato mais próximo com o objeto de estudo, para que assim seja tecida uma melhor análise bem como caracterização da temática e coleta de dados.

- Redação de relatórios da referida pesquisa;

· Os relatórios exigidos durante o período de vigência da bolsa a fim de conferir informações referentes ao cumprimento dos objetivos propostos, foram elaborados dentro do período exigido;

- Participação em eventos científicos

É primordial a participação em eventos acadêmicos como seminários, congressos, simpósios, almejando a produção de artigos destinados à divulgação em periódicos e revistas buscando a divulgação de resultados preliminares, a fim de agregar conhecimentos úteis ao enriquecimento da referida pesquisa e de outras subsequentes. Trata-se de um objetivo que tem se consolidado corriqueiramente, sendo aguardado durante todo o desenvolvimento da pesquisa. Assim como a participação em grupos de estudos e além do LAGUR (laboratório de Geografia Urbana).

A pesquisa tem sido consolidada por meio da utilização daqueles materiais considerados de praxe, como GPS, câmera fotográfica, notebook, dentre outros.

Resultados e Discussão

Diante da realização da primeira etapa desta pesquisa almeja-se obter a qualificação e posteriormente a conclusão e apresentação da dissertação, que será realizada mediante os padrões científicos, buscando contribuir de maneira relevante com os debates acadêmicos.

O desenvolvimento da pesquisa tem sido realizada dentro do tempo hábil, procurando atingir os objetivos por meio da leitura de livros e artigos científicos, produzindo a revisão bibliográfica necessária à análise e compreensão da problemática, tendo como resultado parcial o primeiro capítulo da dissertação.

A participação em eventos com apresentação e publicação de artigos, monitoria, organização, grupos de estudos, também, tem ocorrido dentro dos padrões. Foram publicados dois artigos em revistas, além dos outros que aguardam o envio para avaliação e possível publicação ainda neste bimestre.

Diante da realização de todas as etapas dessa pesquisa, espera-se que os objetivos sejam alcançados diante da análise dos elementos propostos (com o auxílio de cartas, mapas, imagens de satélites, pesquisas documentais, dentre outros), fatores que se relacionam à urbanização da cidade de Anápolis, seu histórico, procurando compreender a relação existente entre expansão da área urbana, crescimento populacional, planejamento e os impactos socioambientais observados.

Considerações Finais

Alguns objetivos foram alcançados, como por exemplo, a produção de artigos, publicação em revista de um artigo em revista B3 “Temporis(ação)” e outro aguardando publicação, ambos como coautora, além da participação em eventos científicos como a I Conferência Territorial da Mulher do Sudoeste Goiano em abril de 2016, em Santa Helena – Goiás. Atuando como monitora de roda de conversa.

É intenção ainda para este bimestre, o término e consequente apresentação daqueles artigos que se encontram inacabados, sendo que na maioria dos ensaios fazem-se presentes elementos intrínsecos à pesquisa em questão.

Foram cursadas no primeiro ano do curso disciplinas de grande importância para a solidificação das bases teóricas do referido trabalho, são elas: “Políticas públicas voltadas para o Cerrado” e “Seminário de Pesquisa I”, “O Cerrado na Produção Historiográfica!” e “A Linguagem da Cartografia na Representação Espacial do Cerrado”, encontrando-se em andamento a disciplina “Pensamento social brasileiro”

A constituição desse arcabouço não seria possível sem a presença do orientador, figura indispensável na medida em que tem intermediado o conhecimento durante a constituição do produto trabalhado, isto, por meio da indicação de bibliografias e eventos científicos, correções, conversas, etc, tornando sistemática e científica a efetivação do processo.

Agradecimentos

Agradecemos à UEG pela realização do IV Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão, evento de grande importância para o meio acadêmico de maneira geral.

Em especial à Professora Dra. Adriana Aparecida Silva, excelente profissional, que não tem medido esforços para que as pesquisas e objetivos da pesquisa proposta sejam realizados com compromisso e responsabilidade.

Aos colegas que sempre participam de uma incessante troca de saberes, e à FAPEG pela concessão da bolsa de estudos, uma vez que sem esse auxílio, seria impossível a concretização dessa pesquisa, pois a demanda de materiais é sempre crescente.

Referências

- ARRAIS, Tadeu Alencar. **Geografia contemporânea de Goiás**. Goiânia: Ed. Vieira, 2004.
- CARLOS, Ana Fani, **A cidade: o homem e a cidade, a cidade e o cidadão, de quem é o solo urbano?**, São Paulo: Editora Contexto, 1992.
- CAVALCANTI, Lana de Souza (org), **Geografia da Cidade**, Goiânia, Ed. Alternativa: 2001.
- CORREA, Roberto Lobato, **O Espaço Urbano**, Ed. Ática, São Paulo: 1989.
- DAVIS, Mike. **Planeta de Favelas**. São Paulo: Boitempo editorial, 2006.
- FRANÇA, Maria de Sousa, **A Formação Histórica da Cidade de Anápolis e a Sua Área de Influência Regional**, São Paulo, Ed. Brasil, 1974.
- FREITAS, Revalino A., **Anápolis: passado e presente**. Editora Voga. Anápolis, 1995.
- SANTOS, Milton, **Metamorfose do Espaço Habitado**, Ed. HUCITEC, São Paulo: 1998.
- SANTOS, Milton, SILVEIRA, Maria Laura, **Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI**, Ed. Record, Rio de Janeiro:2008.
- SANTOS, Milton, **Urbanização Brasileira**, 2ª edição, São Paulo: Ed. Hucitec, 1994.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 25-28.